O Deus Nacional

A idéia da nacionalidade de Deus torna-se, sem dúvida, mais forte depois do exílio da Babilônia. Por outro lado, ao falarmos de Deus precisamos tocar, ao menos tangencialmente, na importância do Templo, pois são elementos correlatos.

1. A TEOLOGIA DO TEMPLO

A exemplo de outros povos, no tempo de Salomão, Israel decide construir um templo para Javé, seu Deus, a fim de justificar diante das outras nações sua independência e sua nacionalidade. Para tanto, o rei convoca a Assembléia (1Rs 8,1), o que significava convocar todos os anciãos, os responsáveis por setores da sociedade e pessoas de influência. O exegeta M. Noth chama esta convocação de "aglomeração inadequada" (*Könige,* 176). Esta convocação é feita pelo rei a todo o povo no dia da inauguração do Templo. Este, de hoje em diante, acolheria a Arca da Aliança, a qual continha as Tábuas da Lei de Moisés (1Rs 8,9). Vale dizer que a arca era mais do que o simples receptáculo da Lei. Ela é, para o seu povo: a) Extensão da personalidade de Javé e do seu poder junto ao povo (Johnson, 23). b) Sinal da presença de Javé no meio do povo (Keil/Delitzsch, 121). c) Sinal da história de Javé com seu povo (Eissfeldt, 79).

2. UM TEMPLO PARA JAVÉ

O Templo que Salomão construiu não era para Javé, mas ao nome dele. O Templo materializava o lugar especial da interlocução de Deus com o seu povo, através da oração (1Rs 8,29). Este lugar de encontro entre Deus e aqueles que o invocam, segundo Snaith (*Books of Kgs*, 79), origina-se de Dt 13,5-11 e significa também o poder de Deus que intervém em favor dos que lhe suplicam favores

(Gn 32,29; Jr 13,6). Por isso, invocar o *nome* equivale a encontrar a excelência da pessoa nomeada, sua autoridade e essência (Garofalo, 84). Mas Javé não está no Templo. Ele está para além dele, a fim de não ser confundido com os ídolos, cuja imagem era a própria divindade. O Templo não se torna a morada de Deus, mas o lugar privilegiado de onde Ele escuta as preces e súplicas de seu povo (Mazzarollo, *Re, Dio, Popolo*, 16), pois sua morada está nos céus (cf. 1Rs 8,30b.32.34.36.45...). Esta distinção é de capital importância: o Templo é o lugar da oração e do encontro com Deus.

3. JAVÉ MORA EM JERUSALÉM

De uma conceituação pré-exílica (o Templo de Salomão), passamos para o período exílico e pós-exílico. Aqui encontramos uma mudança de conceito, quer para o Templo, quer para a presença de Javé. O exílio significou uma ruptura entre Deus e o povo. A teologia e a ideologia da reconstrução de Israel vão dar destaque a um conceito materializado da presença de Deus em Jerusalém. A experiência do desterro faz nascer uma teologia da presença concreta de Deus junto ao seu povo, como se Deus fosse a causa material da sobrevivência do povo: "Deus mesmo escolheu habitar com os seus, nesta cidade e neste Templo" (De Vaux, *Le Istituzioni*, 325). O Deuteronômio coloca em relevo a eleição do lugar escolhido por Javé como sua habitação (Dt 12,5).

Esta teologia da nacionalidade de Deus torna-se quase um imperativo para Esdras e Neemias no período pós-exílico e de reconstrução da cidade e da tradição. O povo da terra (Esd 4,4), que eram os grupos remanescentes ou transplantados pelos babilônios para a Palestina (cf. 2Rs 17,24-28), pouco interesse tinha em ver a cidade e as tradições reflorescerem. Aliás, fazem uma certa oposição. Para aqueles que estavam na Babilônia, as motivações do retorno precisavam ser fortes. Então os judeus da Babilônia pedem uma carta oficial ao rei da Pérsia para poder passar pelo povo da terra e começar a reconstruir Jerusalém:

> "Assim fala Ciro, rei da Pérsia: Javé, o Deus do céu, entregou-me todos os reinos da terra e me encarregou de construir-lhe um Templo em Jerusalém, na terra de Judá. Todo aquele que, dentre vós, pertence ao seu povo, Deus esteja com ele e suba a Jerusalém, na terra de Judá, e construa o Templo de Javé, o Deus de Israel – o Deus que reside em Jerusalém" (Esd 1,2-3).

O Edito de Ciro pode ter duas leituras: a) Repatriando os judeus exilados ele resolveria diversos problemas administrativos nas cidades da Babilônia, com o excesso de estrangeiros e certamente falta de emprego para todos; b) Com tal decisão, sua diplomacia e autoridade cresceriam diante dos sofredores do exílio. Sendo agora repatriados, eles obedeceriam com mais docilidade e fidelidade ao seu libertador.

Um Deus nacional significava para o povo uma possibilidade de concorrer com os demais povos na hegemonia da força religiosa como proteção e penhor de sobrevivência. Num contexto político, o povo que está em terras estranhas não tem mais muitas motivações para voltar e reconstruir sua cidade. Chegada a liberdade, para muitos era suficiente, e de agora em diante era só pensar na

própria autonomia e nas soluções pessoais ou familiares. Os interessados na reconstrução da cidade e das tradições necessitavam convencer os seus companheiros.

4. A IDEOLOGIA DO ARGUMENTO

Um Deus e um lugar determinado para falar com Ele eram pré-requisitos fundamentais para um começo de povo. Esdras e a cúpula de judeus exilados na Babilônia trabalham, na memória e na sensibilidade do povo, a idéia do retorno. O Deus da primeira libertação estaria agora junto com o povo para fazê-lo voltar. Este Deus parecia um pouco diferente daquele do êxodo (3,7-12), que, vendo a situação do seu povo, foi para o lugar do cativeiro e conduziu-o para a libertação. O Deus do êxodo teve misericórdia do seu povo, foi buscar o povo da sua aliança e fez com ele uma caminhada pedagógica rumo à libertação.

O Deus do segundo exílio era o mesmo; Ele e o Templo tinham um sinal de continuidade com a história anterior ao desterro, mas Javé parece não ter ido para o exílio com o seu povo. Logo, para voltar era preciso ter certeza de que Javé não tinha abandonado Jerusalém. "Deus reside em Jerusalém" (Esd 1,3) é a tese dos restauradores e daqueles que encampam um movimento de retorno. Portanto, para reencontrar Javé é preciso voltar. Aqui é preciso dar-se conta de um aspecto pouco trabalhado pela exegese e pela história de Israel. Se Javé está em Jerusalém e não foi com o povo para a Babilônia, mesmo com a destruição de "sua casa" (o Templo de Jerusalém), pode-se sustentar a tese de que Javé estava agora com os outros povos que habitavam a Palestina. Por que não dizer que o povo de Javé seriam os remanescentes, o "resto de Israel" e os outros povos que habitavam Jerusalém, conhecidos como "povo da terra"? (Esd 4,4).

A experiência do exílio não revela traços de uma experiência mais profunda da conversão. O retorno dos exilados tem um sabor muito forte de arrogância e superioridade. Os remanescentes não têm expressão para eles. Assim Esdras manifesta o primeiro grande pecado, com a lei da pureza da raça, exigindo a separação matrimonial de todos os judeus casados com não-judias, a ruptura dos chamados matrimônios mistos (Esd 9–10). Se Javé não vai para a Babilônia é porque o povo da terra tinha dignidade suficiente para justificar e manter a eleição, mesmo como "resto". A lei da pureza da raça cria um abismo insuperável entre judeus e samaritanos e outros povos. Muitos judeus, felizes com suas esposas e filhos, não aceitam esta imposição e são expulsos de Judá, juntando-se também com os samaritanos.

Por outro lado, quando Neemias assume a missão de reconstruir os muros da cidade e o Templo, chegando a Jerusalém escuta as lamúrias dos agricultores e beduínos, os quais reclamavam por estarem sendo escravizados pelos chefes de Israel através de impostos pesados, tributos injustos ao poder e ao Templo; e, não raro, para saldar suas dívidas precisavam vender, como escravas, suas filhas (Ne 5,1-13):

> "Uns diziam: 'Somos obrigados a penhorar nossos filhos e nossas filhas para recebermos trigo, para podermos comer e sobreviver'. Outros diziam: 'Temos que empenhar nossos campos, vinhas e casas para recebermos trigo durante a penúria'" (Ne 5,2-3).

A isto Neemias reage com as autoridades judaicas, exclamando: "Que fardo cada um de vós impõe a seu irmão!" (5,7b). E os profetas do pós-exílio (especialmente Ageu, Zacarias e Malaquias), que antecedem historicamente este período, fazem advertências muito duras à mentalidade hegemônica e despótica dos repatriados, totalmente desprovida de espírito de fraternidade e de justiça. Nisto está o problema principal da questão do Deus nacional e da ideologia do Templo. Deus está sempre ligado com uma proposta de vida e libertação. A centelha de Deus que está em cada criatura exige uma consideração maior da vida.

CONCLUSÃO

O monoteísmo de Israel é a causa motora da sua história e da sobrevivência entre os povos. Com Javé também está o Templo, a Aliança e o culto que determinam as relações externas e internas deste povo. Na tradição de Israel notamos que Deus é a força do povo, não através do poder, mas através da voz e do testemunho dos profetas. A relação Deus-povo-Templo obedece a uma reciprocidade automática, ou seja, Deus está no Templo se estiver com o povo e vice-versa. Sob todos os aspectos, no entanto, é difícil entender a história religiosa de um povo se não for pelo caminho da verdade e da justiça, ao menos em nível interno, porque toda divindade ama seu povo.

BIBLIOGRAFIA

De VAUX, R. *Le istituzioni dell'Antico Testamento*. Turim, 1977.

EISSFELDT, O. *Introduzione all'Antico Testamento*, v. 2. Brescia, 1980.

GARCIA, M. Dio, attributi di. *Enciclopedia della Bibbia,* v. 2. Turim, 1969, 912-7.

GAROFALO, S. *Il libro dei Re.* Turim, 1951.

JOHNSON, A.R. *The One and the many in Israelite conception of God.* Wales, 1942.

KEIL, C. – DELITZSCH, F. *1-2 Kings, 1-2 Chronicles.* Michigan, 1980.

MAZZAROLLO, I. *Re, Dio, Popolo nel Tempio*. Roma, 1986.

NOTH, M. Gott, König, Volk im Alten Testament. *TBü* 6 (1966), 188-231.

POULSEEN, N. Rex et Templum in Israel. *VD* 40 (1962), 264-9.

SNAITH, N.H. *The First and Second Books of Kings*. Nova Iorque, 1954.

Isidoro Mazzarollo
Rua Paulino Chaves, 291
30630 Porto Alegre, RS